

«More than human» — Rui Soares Costa

Banda sonora original de André Gonçalves

“O mar da nossa casa não tem fim.”

Amyr Klink

A partir de uma sintonia atenta das transformações profundas e silenciosas que moldam o nosso tempo, *More than human*, de Rui Soares Costa, problematiza de forma poética e crítica o Antropoceno e a Crise Climática - da subida do nível médio das águas do mar à geopolítica, na expressão contemporânea da lei do mais forte.

No cruzamento entre arte, ecologia e política, através de uma linguagem subtil, discreta e quase muda, é-nos proposta uma reflexão sensorial do desaparecimento e da lenta impressão das alterações climáticas no corpo do mundo — arte que se manifesta no gesto pequeno, na erosão como estética e no silêncio como campo de resistência.

Num exercício de coexistência, Rui Soares Costa convoca-nos a escutar o rio como agente de inscrição e transformação, gesto que encontra ressonância no pensamento de Ailton Krenak, líder indígena que critica a ideia de humanidade como algo separado da natureza, lembrando que “aquele rio que está em coma é também o nosso avô”. *More than human* ressoa neste apelo, questionando a supremacia do humano e propondo uma arte onde matéria, tempo e rio se tornam parceiros de criação. Ao reconhecer a diversidade radical dos modos de existir, *More than human* recusa a marcha cega do Antropoceno e abre espaço para imaginar outras formas de coabitar o mundo.

Na sua base estão obras que são submersas no rio Tejo, acumulando no seu corpo os efeitos do tempo e da água salgada. A oxidação da matéria, ou a deposição de sedimentos, torna-se assim uma escrita temporal e ambiental, um rasto sensível da ação do tempo, da permanência e da mudança.

A obra emerge assim como arquivo vivo, testemunho climático e exercício de evocação.

Entre aço, papel, madeira, fotografia e ferrugem, Rui Soares Costa reúne séries inéditas que partem de um mesmo gesto: deixar que o rio Tejo se inscreva nas matérias e nos processos de criação, fazendo emergir uma reflexão sobre autoria, memória e ecologia política.

Convocando uma estética de ausência, o gesto do artista é antes de tudo uma cedência. Mais do que intervir, Rui Soares Costa desloca-se do centro da ação, questionando a noção de autoria e propondo uma prática em que humano e não humano coexistem e se contaminam, no limiar entre criação, destruição e sobrevivência. *More than human* parece assumir-se como um ambiente vivo, onde matérias e agentes interagem. A obra, aqui, não é fixa, tal como os ecossistemas, ela está em fluxo, em transformação, contaminada por forças externas. Um pensamento que funciona como ferramenta contra a lógica dominante de um modelo de civilização industrial e colonial que separou o humano da natureza e a tratou como recurso.

Na série *Tagus*, chapas de aço submersas por breves instantes registam oxidações imediatas e intensas, como desenhos urgentes produzidos pelo rio, em contraste com a lenta sedimentação de trabalhos anteriores.

Em *Concrete* o papel estruturado — colado a uma superfície plana — resiste à corrosão, ao mesmo tempo que se deixa atravessar pelos sedimentos do Tejo, num frágil equilíbrio entre permanência e mutação. A matéria revela, deste modo, o paradoxo de durar enquanto se altera.

Já na série *Palestinians*, sulipas de caminhos de ferro e fotografias analógicas feitas com uma Rolleiflex da era nazi aproximam imagens de Bergen-Belsen e de paisagens aquáticas quase idílicas em tensão poética e política. Impressas em grande formato e apresentadas sobre suportes oxidados pelo Tejo, estas obras confrontam-nos com a violência da ausência, ligando memórias de genocídio (Holocausto) às feridas abertas da Palestina. A mesma água que corrói o aço em Lisboa é aquela que banha Gaza — e que ali é interdita. À evocação, em epígrafe, do navegador e escritor Amyr Klink, acrescentamos: Gaza é a nossa casa.

Por fim, *Rising* continua a pesquisa iniciada em 2020, explorando o ritmo lento da maré e a sua marca acumulada no aço, como metáfora de duração, arquivo e resistência.

O ambiente sonoro criado por André Gonçalves dialoga com a poética da erosão e da transformação. A música ressoa como vinda das profundezas do mar, dilatada e fantasmagórica, como se o tempo fosse suspenso. O som torna-se matéria em flutuação, abrindo espaço a uma escuta do que se transforma lentamente. Dois longos momentos repetitivos alternam com interlúdios que interrompem a submersão — como pausas para o público emergir e respirar. É nesse território de duração e metamorfose que a dimensão sonora de *More than human* se inscreve, expandindo o trabalho de Rui Soares Costa para além da matéria visível.

More than human não se apresenta apenas como exposição, mas como lugar de leitura do tempo: um espaço onde as marcas do rio se tornam sinais de futuro, convocando o espectador a escutar mundos que se desfazem e se reinventam.

Mundos em metamorfose, prenúncio do que ainda está por vir.

Ana Borralho
Setembro 2025